

Poesia de Mário de Sá-Carneiro: Edição de referência

Gianluca Miraglia*

Sá-Carneiro, Mário de. *Poesia Completa*. Edição de Ricardo Vasconcelos. Lisboa: Tinta-da-china, 2017.

Depois de ter organizado, em colaboração com Jerónimo Pizarro, a edição da correspondência de Mário de Sá-Carneiro, *Em Ouro e Alma*, vinda a lume em 2015, Ricardo Vasconcelos reúne agora, sempre para a Tinta-da-china, a obra em verso do autor num volume que se apresenta como síntese e corolário do labor crítico e filológico desenvolvido a partir da década de 80 do século passado. Sem esquecer alguns importantes contributos anteriores, como por exemplo os de Dieter Woll, foi justamente nessa década que, num breve espaço de tempo, surgiram várias publicações, em revista ou em livro, destinadas a ampliar o conhecimento quer da biografia, quer da obra de Mário de Sá-Carneiro, através da revelação de documentos até então inéditos e de grande parte da sua juvenília, sendo nesta última área fundamental o trabalho de François Castex. Um novo impulso à investigação veio também da celebração do centenário do nascimento do poeta em 1990; baste lembrar aqui o aparecimento de um útil repertório bibliográfico, o catálogo da exposição da Biblioteca Nacional de Lisboa (*Mário de Sá-Carneiro 1890-1990*) e, pouco tempo depois, a edição da dissertação de doutoramento de Fernando Cabral Martins (*O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa: Estampa, 1994) que marca uma viragem na crítica, inclusive pela atenção dada às fontes manuscritas da obra.

Com efeito, nessa altura, o leitor tinha à sua disposição edições da poesia de Sá-Carneiro que, na sua maioria, para além de serem incompletas, em certos casos chegavam a deturpar os poemas em virtude de gralhas, lembro apenas o caso conhecido de “trono” em lugar de “tronco” (no poema “Bárbaro”), ou de transcrições erradas, como a que transformava uma única composição, “Manucure”, em dois textos, dando origem a um poema separado com o título de “Apoteose”. Com o tempo foram aparecendo edições mais fiáveis, como as preparadas por Fernando Cabral Martins, e começou a sentir-se a necessidade de dar à obra de Sá-Carneiro uma atenção filológica igual à que se ia concedendo entretanto a outros autores contemporâneos, *in primis* Fernando Pessoa. Depois de um trabalho pioneiro de Fernanda Toriello (*Poesie*, Bari: Adriatica Editrice, 1992), consagrado à poesia da maturidade, que teve, porém, uma difusão limitada, por ter sido editado apenas em Itália, em 2007 veio a lume uma modelar edição crítico-

* Centro de Tradições Populares Portuguesas / Polo CLEPUL.

genética de *Dispersão*, organizada por Giorgio De Marchis (*O Silêncio do Dândi e a Morte da Esfinge*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda).

É justamente na senda desses trabalhos que se coloca o volume editado por Ricardo Vasconcelos, estendendo a toda a produção poética de Sá-Carneiro o método da edição crítica, e tendo a vantagem, graças à sábia organização da matéria, de ser um livro que tanto pode ser apreciado pelo leitor comum, eventualmente menos interessado nas questões filológicas, como pelo leitor mais curioso e pelo estudioso à procura de informações pormenorizadas sobre a tradição textual dos poemas ou a respeito da sua génese, que se encontram distribuídas na introdução geral, nas introduções às várias partes de que se compõe o volume e sobretudo no aparato crítico. O livro divide-se em cinco secções: “Obra Poética (1913-1916)”; “Juvenília Poética (1902-1913)”; “Fac-Símiles”, “Anexos” e “Notas”. A primeira inclui o legado artístico mais relevante de Sá-Carneiro, ou seja *Dispersão*, o único volume de versos que Sá-Carneiro publicou em vida, *Indícios de Ouro*, que reúne os poemas transcritos pelo autor num caderno manuscrito enviado a Fernando Pessoa pouco antes da sua morte e os chamados “Últimos Poemas”, ou seja os textos que embora não integrem o caderno, por terem sido escritos em data posterior à conclusão do mesmo, deveriam na intenção do autor, como foi comunicada a Fernando Pessoa, ser incluídos numa futura edição dos *Indícios de Ouro*, e por fim os “Poemas Dispersos”, composições que o autor enviara a Pessoa mas que deliberadamente não transcreveu no caderno e o texto escrito expressamente para o segundo número da revista *Orpheu*, “Manucure”. A segunda parte do volume, dedicada à “Juvenília Poética”, apresenta o mais vasto conjunto de versos juvenis até agora publicados, fruto de uma notável investigação em bibliotecas, arquivos e colecções particulares, que permite acompanhar a evolução das tentativas poéticas juvenis de Sá-Carneiro desde a mais terna idade — o primeiro poema data de 1902 — até ao ano de 1913. Esta última data pode parecer surpreendente, mas resulta do facto de Ricardo Vasconcelos, numa opção que, sendo motivada e bem explicada, como de resto todas as que toma na qualidade de editor, não deixará, por ventura, de suscitar alguma controvérsia, ter decidido pôr nesta secção o poema “Simplesmente”, ou seja a composição que se transformará, após profunda reformulação, no poema inicial do volume *Dispersão*. Essa opção visa, por um lado, tornar ainda mais evidente o “processo de amadurecimento, patente numa maior exigência em relação aos seus próprios escritos”(28) que marca a passagem para uma nova fase das produção poética de Sá-Carneiro, e, por outro, refutar uma ideia bastante comum, baseada em palavras do próprio escritor, segundo a qual o “poeta não escrevia poesia até esta altura”(667), enquanto, para Vasconcelos, seria mais correcto interpretá-las “como afirmações de alguém que neste momento se dedicava mais claramente à novelística e por isso se pensava particularmente como prosador”(667). Na secção dos “Fac-Símiles”, encontramos a reprodução de um

caderno de provas tipográficas de *Dispersão*, inédito, o caderno manuscrito dos versos para os *Indícios de Oiro* e um conjunto de cópias autografadas e impressos. A informação acerca de todos eles é sempre segura e detalhada. Vale a pena destacar a análise pormenorizada do caderno manuscrito através da qual se distinguem as diferentes fases da sua escrita e se põem em evidência aspectos menos conhecidos, como, por exemplo, o facto de Sá-Carneiro ter acrescentado, no Sumário, a expressão “1º caderno”, deixando assim em aberto a possibilidade de uma ampliação futura do livro, o que vem ao encontro das opções do editor na primeira secção do volume. Entre os documentos recolhidos na secção “Anexos” o destaque vai para as cartas inéditas de Carlos Ferreira e José Araújo a Fernando Pessoa, que acrescentam mais uns dados acerca dos últimos dias parisienses do escritor. A parte final do livro é dedicada às “Notas”, isto é o aparato crítico. Para todos os poemas é apresentada a tradição textual, mediante a enumeração e a descrição dos testemunhos (vários deles guardados em colecções particulares), são indicadas as variantes, e é fornecida uma informação de carácter mais geral sobre o processo da sua composição, baseada, essencialmente, na correspondência entre Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. O profundo e seguro conhecimento da obra, de todas as fontes manuscritas até agora recenseadas, e da bibliografia passiva por parte do editor faz com que a leitura dessas notas, em cotejo com os textos, permita ao leitor entrar na oficina do poeta e acompanhar o processo criativo que levou à versão definitiva de cada poema. A informação é obviamente mais rica em relação ao volume *Dispersão*, o único publicado em vida, dado que Sá-Carneiro se encontrava então ainda numa fase de transição e de amadurecimento, marcada por numerosas hesitações, que o levava a solicitar constantemente a opinião de Fernando Pessoa sobre os versos que ia escrevendo. As considerações que o escritor tece acerca de expressões que o amigo não entende plenamente são, aliás, de particular interesse para uma maior compreensão da sua peculiar linguagem poética, cuja aprendizagem e amadurecimento se processa justamente na fase de concepção e realização do volume *Dispersão*, como demonstra a menor informação disponível acerca dos poemas que Sá-Carneiro reúne no caderno manuscrito para *Os Indícios de Oiro*.

Como é óbvio, não é de excluir que tenha havido entre Sá-Carneiro e Pessoa uma troca oral de opiniões acerca dos poemas escritos quando o autor se encontrava em Portugal. Pense-se, por exemplo, na afirmação algo enigmática de Pessoa segundo a qual o texto publicado no segundo número de *Orpheu*, “Manucure”, seria uma blague, mas não tendo ficado registo escrito dela, terá que ser a crítica literária neste caso, através da interpretação, nos seus vários caminhos, a encontrar uma resposta. Em conclusão, estamos diante dum volume que, pelos motivos apontados, aos quais se alia a habitual qualidade gráfica das edições Tinta-da-china, se afirma a partir de agora como a edição de referência da poesia de Sá-Carneiro, e constitui um magnífico instrumento de trabalho para quem

deseje aprofundar o conhecimento duma das mais importantes obras poéticas das primeiras décadas do século XX.